

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rita de Cássia Ramin Corrêa

COMIDA E VEGETARIANISMO: PRÁTICAS ALIMENTARES, CULTURA E SOCIEDADE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Rita de Cássia Ramin Corrêa**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672175A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Comida e Vegetarianismo: Práticas Alimentares, Cultura e Sociedade**, desenvolvido durante o período de Março de 2018 a Junho de 2018 sob a orientação de Rogéria Campos de Almeida Dutra, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Rita de Cássia Ramin Corrêa

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

COMIDA E VEGETARIANISMO: PRÁTICAS ALIMENTARES, CULTURA E SOCIEDADE

Rita de Cássia Ramin Corrêa¹

RESUMO

A alimentação é algo sempre presente no cotidiano das pessoas. Apesar dos inúmeros temas relacionados a ela, por exemplo, cultura; religião; símbolos; identidades e sentimentos, dificilmente paramos para analisar tais questões e questionar o porquê de elas serem assim. A antropologia, contudo, sempre se interessou pelo comportamento do outro, estudando as práticas alimentares, entre outros temas, nas sociedades existentes ao redor do mundo. Desta forma, o presente artigo reflete algumas questões presentes no universo da comida: os hábitos alimentares; o tabu do animal; o valor social da comida e o vegetarianismo. A proposta foi realizar uma abordagem antropológica acerca de tais temas, mostrando suas semelhanças, diferenças e contradições. No final, pretendeu-se mostrar o vegetarianismo como um estilo de vida que retoma a diversidade de dimensões do universo da comida e enfatizar sua capacidade de mudança do atual modelo alimentar hegemônico e o sistema social vigente.

PALAVRAS-CHAVE: comida; antropologia; hábitos alimentares; vegetarianismo.

1. INTRODUÇÃO

O ato de alimentar-se vai muito além de uma ação biológica e necessária. A comida envolve histórias, identidades, símbolos, culturas, sentimentos, paladares, sensações, entre tantas outras esferas. Existem inúmeras variações de usos, desusos, preparo e consumo. Portanto, nenhum alimento é neutro, todos carregam uma historicidade que é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época (SANTOS, 2005). Quanto a isso, a antropologia tem mostrado desde o início que as relações com a comida são diferentes em cada sociedade, isto é, cada grupo, cada cultura atribui um significado e um valor individual à mesma.

O costume alimentar pode revelar de uma civilização desde a sua eficiência produtiva e reprodutiva, na obtenção, conservação e transporte de gêneros de primeira necessidade e os de luxo, até a natureza de suas representações políticas, religiosas e estéticas. Os critérios morais, a organização da vida cotidiana, o sistema de parentesco, os tabus religiosos, entre outros aspectos, podem estar relacionados com os costumes alimentares. (CARNEIRO, 2005)

A alimentação é um tema que abrange diversas dimensões, desde material a espiritual. Quando se trata do vegetarianismo, as noções de corpo, saúde, moralidade, política, sustentabilidade e ética mostram-se extremamente presentes.

Vegetarianismo, em uma definição básica, é um estilo de vida sem o consumo da carne animal. Através dele observa-se o cultivo de diferentes práticas, que objetivam apontar para modelos que se opõem ao atual modelo alimentar hegemônico e a todo o sistema social que o sustenta (LIRA, 2012). Seus adeptos buscam a construção de um ideal de alimentação baseando-se em ideais de compaixão, igualdade e bondade; buscando um mundo mais igualitário, justo e sustentável através do consumo de alimentos crus, naturais e “vivos”. Desta forma, as escolhas alimentares vegetarianas retomam uma noção de que os alimentos que incorporamos nos incorporamos ao mundo e nos situam no universo (FISCHLER, 1995).

Os hábitos alimentares entre os vegetarianos observados no estilo de vida principalmente norteamericano passam por escolhas e tabus; existe um valor social representado na comida e uma preocupação/repulsão ao sacrifício de animais considerados próximos ao homem. Essas e outras questões demonstram o quão complexo e contraditório pode ser o universo da comida, já que ao mesmo tempo alguns animais são

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: ritacorrea1997@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profa. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra.

considerados alimento e outros não. Além disso, dentro da classificação de “animais comestíveis”, existem as partes mais prestigiadas e um valor social e monetário excepcional atribuído a elas.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo compreender questões do universo da comida através de uma análise antropológica, devido ao constante interesse da disciplina em estudar a alimentação no comportamento do outro. Além disso, pretende-se examinar o vegetarianismo como uma prática social, com símbolos, valores e ideais próprios. O objetivo, portanto, não é esgotar este amplo tema, e sim mostrar uma visão acerca de algumas de suas facetas.

1. Hábitos alimentares

Os hábitos alimentares são um dos primeiros aprendizados na vida. Geralmente, condicionados ao processo de socialização através da convivência com os pais, familiares ou o responsável pela criança. Como parte de um conjunto de experiências humanas, os hábitos alimentares são associados a temas diversos, sobretudo, na dimensão simbólica presente na produção de alimentos, preparo da comida e seu consumo (LIRA, 2012). O antropólogo Sidney Mintz ressalta:

Nossas atitudes em relação à comida são normalmente aprendidas cedo e bem, e são, em geral, inculcadas por adultos afetivamente poderosos, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro. Devemos comer todos os dias, durante toda nossa vida; crescemos em lugares específicos, cercados também de pessoas com hábitos e crenças particulares. Portanto, o que aprendemos sobre comida está inserido em um corpo substantivo de materiais culturais historicamente derivados. (MINTZ, 2011)

Esta, entre outras questões, mostra o quão difícil é uma criança desenvolver uma alimentação própria nos primeiros anos de vida, devido às imposições que recebe. Isso explica também a complexidade de desenvolver uma alimentação vegetariana, a menos que a família já adote tal estilo de vida.

Há vários fatores que podem influenciar a alimentação de uma pessoa: o contexto social; a cultura; as tradições da sociedade; o lugar em que vive; as condições; a acessibilidade aos alimentos, às mercadorias etc. Quanto a isso o antropólogo também afirma:

O comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada um está inserido. Nossos filhos são treinados de acordo com isso. O aprendizado que apresenta características como requinte pessoal, destreza manual, cooperação e compartilhamento, restrição e reciprocidade, é atribuído à socialização alimentar das crianças por sociedades diferentes. Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência. (MINTZ, 2011)

Esses temas demonstram, portanto, o quão variável podem ser os hábitos alimentares devido à pluralidade de culturas existentes, e a posição que a comida assume dentro do aprendizado social. Qualquer indivíduo, contudo, ao adquirir mais maturidade, desenvolve um estilo alimentar próprio, com gostos e preferências mais particulares, podendo ou não abandonar os primeiros aprendizados relativos à comida.

As últimas décadas vêm mostrando uma mudança drástica na alimentação, em que o consumo de *fast food*, proteína animal ou alimentos pré-fabricados torna-se comum. Há uma ideia de “comida de criança” embutida em comerciais; propagandas e embalagens de alimentos; sendo um entretenimento que atrai os pequenos ao consumo. Essa entre outras questões aceleram o contato aos alimentos processados, como hambúrgueres, *nuggets*, refrigerantes etc; afastando-os dos alimentos naturais, não processados, sem necessariamente ser de origem animal:

A importância do fenômeno do fast-food tem sido corretamente apontada como uma das chaves para a compreensão da natureza dos problemas sociais de nossa época. Vários analistas têm identificado uma corrosão dos hábitos alimentares familiares, como as refeições partilhadas, o que leva à substituição da alimentação em casa pelos sistemas de restaurantes ou lanchonetes. A expansão da lanchonete, especialmente de algumas cadeias construídas sobre certas marcas, traz consigo um sistema alimentar específico baseado na

substituição dos carboidratos complexos (cereais, amidos) por carboidratos simples (açúcares e gorduras), com conseqüências daninhas para a saúde pública e para a ecologia global. (CARNEIRO, 2005)

Com a expansão do capitalismo e o desenvolvimento do agronegócio houve uma separação dos produtores e consumidores dos alimentos. Ou seja, dificilmente a produção é voltada para auto subsistência, e sim, para o mercado. O mundo moderno é, portanto, marcado por uma disposição cada vez maior em consumir alimentos pré-fabricados; há um declínio nas habilidades culinárias das classes médias entre outras tendências. Essas questões geram até um questionamento se em algumas décadas haverá o que os antropólogos possam estudar sobre a comida (MINTZ, 2011).

A situação no modo de produção capitalista, em que o homem está separado dos meios de produção, é diferente, ou seja: o homem não tem a terra, nem a enxada, nem o arado ou a floresta, tampouco o arco e a flecha; resta-lhe a força de trabalho que poderá oferecer no mercado capitalista, para garantir, por meio da troca, a reprodução dessa mesma força de trabalho. Porque nesse contexto o alimento é mercadoria, e só pode ser obtido por outra mercadoria: o dinheiro. Vamos encontrar na sociedade capitalista, em função de uma inserção diferenciada no processo produtivo, uma grande heterogeneidade sociocultural que permeia, entre outros, os hábitos alimentares, seja no aspecto da produção, seja no da preparação e do consumo. Os hábitos alimentares não atendem apenas às necessidades fisiológicas do homem, mas têm um caráter simbólico, cujo significado se dá na trama das relações sociais. (DANIEL; CRAVO, 2005)

Por outro lado, essa drástica mudança na alimentação revela o quão sociedades e grupos de diferentes localidades estão dispostas a experimentar novas comidas. Isto revela que os comportamentos relacionados à mesma podem ser os mais flexíveis e os mais arraigados de todos os hábitos (MINTZ, 2011). Os alimentos, portanto, ao serem associados à cultura em que cada pessoa está inserida, podem assumir uma identidade nacional:

Todos sabemos que os franceses supostamente comem rãs e caracóis; os chineses, arroz e soja; e os italianos, macarrão e pizza. Mas a espantosa circulação global de comidas e a circulação paralela de pessoas levantam novas questões sobre comida e etnicidade. Seria mais fácil mudar o sistema político da Rússia do que fazê-los abandonar o pão preto; a China abandonaria sua versão do socialismo mais facilmente do que o arroz. E, no entanto, a população desses dois países mostra uma extraordinária disposição para experimentar novas comidas. Parece, então, que uma estranha congruência de conservadorismo e mudança nos acompanha sempre no estudo da comida. (MINTZ, 2011)

Desta forma, é evidente que, em alguns países, substituir os hábitos alimentares vigentes levaria a um rearranjo social e simbólico. Frequentemente, o "novo" é experimentado e incluído no cotidiano das pessoas, sem o abandono dos hábitos considerados tradicionais ou normalizados pela comunidade.

2. Tabu do animal e o valor social da comida

A comida, além de associar-se à cultura em que cada indivíduo está inserido e adquirir uma identidade nacional, passa também por tabus. A literatura antropológica está repleta de descrições e explicações acadêmicas sobre proibições e inibições aparentemente irracionais. Os antropólogos comumente usam tal palavra para se referir a proibições que são explícitas e sustentadas por sentimentos de pecado e sanções sobrenaturais a um nível consciente. Um exemplo típico é o incesto (LEACH, 1983).

Existem diversos tabus quando se trata da alimentação, por exemplo, os religiosos. É declarado que na Sexta-feira Santa, segundo o catolicismo, não se deve comer carne vermelha; ou então que o consumo da carne de porco no judaísmo é proibido. Analogicamente, as instituições religiosas expressam um controle sobre os hábitos alimentares.

A proibição judaica em relação à carne de porco é um assunto ritual e explícito. Ela diz, com efeito, que "a carne de porco é um alimento, mas os judeus não devem comê-la". A objeção do inglês em comer carne de cachorro é igualmente forte, mas repousa numa premissa

diferente. Ela depende de uma suposição categórica: "cachorro não é alimento". (LEACH, 2003)

Em todas as sociedades existe o que "se come" e o que "não se come". Para os americanos, em específico, seria estranho e absurdo alguém comer carne de cachorro, já que este é considerado um animal doméstico, muito próximo aos humanos. "Dentro das casas e apartamentos, os cães sobem nas cadeiras que foram feitas para seres humanos, dormem nas camas de pessoas, e sentam-se à mesa como bem querem à espera de sua porção da refeição da família" (SAHLINS, 2003:191).

Como ressalta o antropólogo Marshall Sahlins, a razão principal postulada no sistema classificatório das sociedades ocidentais de consumo de carne é a relação das espécies com os humanos (SAHLINS, 2003). As distinções categóricas de comestibilidade e não-comestibilidade são mais evidentes entre cavalos, cachorros, porcos e bois. Para o autor, todos estão integrados à sociedade americana, mas com diferentes *status*, os quais correspondem aos graus de comestibilidade:

Cachorros e cavalos participam da sociedade americana na condição de sujeitos. Têm nomes próprios e realmente temos o hábito de conversar com eles, assim como não conversamos com porcos e bois. (...). Como co-habitantes domésticos, os cachorros são mais próximos o homem do que os cavalos, e seu consumo, portanto, é mais inimaginável: eles são "um membro da família". Tradicionalmente, os cavalos têm, com as pessoas, uma relação mais de trabalho e mais servil; se os cachorros são como se fossem aparentados com o homem, os cavalos são como empregados e não-aparentados. Daí o consumo de cavalos ser pelo menos concebível, embora não-generalizado, enquanto que a noção de comer cachorros compreensivelmente evoca alguma da repulsa do tabu do incesto. Por outro lado, os animais comestíveis, como porcos e bois, geralmente têm o status de objetos para os sujeitos humanos, vivendo suas vidas nem como complemento direto nem como instrumento de trabalho das atividades humanas. (SAHLINS, 2003)

O antropólogo Edmund Leach, estudando os ingleses, também explica tais distinções de comestibilidade. Em uma de suas análises, homens e animais estão relacionados de acordo com a proximidade do sangue, ou seja, se é quente (mais próximo do homem) ou frio (mais distante); e também em relação às relações sexuais:

O fato de que aves e mamíferos têm sangue quente e se engajam em relações sexuais "normais", faz com que sejam até certo ponto aparentados do homem. Isso é revelado pelo fato de que o conceito de crueldade é aplicável a aves e mamíferos, mas não aos peixes. O abate de animais de corte para alimentação deve ser levado a efeito por meio de "métodos humanitários" e na Inglaterra nós temos até ratoeiras humanitárias! Mas é muito apropriado matar uma lagosta jogando-a viva em água fervendo. Quando os tabus religiosos de alimentação se aplicam, eles afetam somente a carne de sangue quente, de aves e mamíferos, mais próxima do homem; daí por que os católicos podem comer peixe na sexta-feira. (LEACH, 2003)

A história da comida é, assim, "impregnada de simbolismo, de superstições, de tabus, de representações culturais, de símbolos metafóricos de todas as religiões" (SANTOS, 2005, p.17); existe um valor social, um prestígio representado na mesma, e quando se trata da carne animal, especialmente a bovina e suína, essa questão é evidente:

Correspondentemente, peso por peso a carne de porco tem menos prestígio que a carne bovina. A carne bovina é a comida de maior prestígio social, e consumida nas ocasiões sociais mais importantes. Um assado de carne de porco não tão solene como um corte de primeira de carne de boi, nem parte alguma do porco se pode comparar a um filé de carne de boi. (SHALINS, 2003)

Além disso, Sahlins mostra que há uma separação entre as partes comestíveis do animal, o que origina o valor social e econômico atribuído a elas:

A comestibilidade está inversamente relacionada com a humanidade. O mesmo se aplica às preferências e designações mais comuns das partes comestíveis do animal. Os americanos

estabelecem uma distinção categórica entre as partes "internas" e "externas", o que representa para eles o mesmo princípio da relação com a humanidade, ampliado metaforicamente. A natureza orgânica da carne [flesh] (músculo e gordura) é disfarçada imediatamente, e é genericamente chamada de carne [meat] e daí em diante por convenções específicas tais como "filé", "costeleta", "lagarto", ou "cervelha"; enquanto que os órgãos internos são conhecidos como tal (ou "entranhas"), e mais especificamente como "coração", "língua", "rins" e assim por diante. (...). O valor social do filé ou alcatra, comparado com o da tripa ou língua, é o que estabelece a diferença em seu valor econômico. Do ponto de vista nutritivo, tal noção de "melhor" e "inferior" seria uma posição difícil de defender. Além disso, filé continua a ser o peso mais caro, apesar de a oferta absoluta de filé ser muito maior que a de língua; há muito mais filé em uma vaca do que língua. (SAHLINS, 2003)

Nota-se, portanto, sempre uma assimilação ou distinção dos animais e suas partes comestíveis aos humanos. O esquema simbólico da comestibilidade se junta a aquele que organiza as formas de produção, originando a distribuição de renda e, conseqüentemente, as diferenças sociais entre as pessoas (SAHLINS, 2003). Existe uma diferenciação entre "comida de rico" e "comida de pobre", em que, tratando-se da carne, os pobres consomem aquelas mais baratas, socialmente consideradas inferiores, enquanto o oposto ocorre com os ricos. Assim, a alimentação passa a ser um diferenciador social, um significador de classe, uma medida de categoria social (ARRESTO, 2010).

O papel diferenciador da comida sempre esteve presente na história da humanidade; nos primeiros sistemas humanos de classe conhecidos já desempenhava tal função (ARRESTO, 2010). Entretanto, nas sociedades pré-históricas a diferenciação social por meio da comida se fazia em função quantidade e não do tipo ou qualidade do alimento (SILVA, [2013?]), o que sugere que tal característica de marcador social e de classe surgiu somente mais tarde na história.

3. Vegetarianismo como prática social, cultural e política

Entre outros inúmeros temas, os alimentos mostram uma diversidade de associações com dimensões de corpo, espiritualidade, saúde, ética, moralidade, política e sustentabilidade. Quando se trata das práticas alimentares vegetarianas, tais associações são extremamente presentes.

O vegetarianismo, através da ausência do consumo da carne animal, busca a construção de uma sociedade mais igualitária, anti-especista, preocupada com questões ambientais e globais; contrariando o atual modelo alimentar hegemônico e todo o sistema social que o sustenta (LIRA, 2012). Isto demonstra basicamente que a carne, enquanto alimento para os seres humanos, possui adversidades, uma conotação negativa.

Em diferentes contextos históricos culturais, a carne é percebida como elemento que conduz à "animalidade" ou "irracionalidade"; à "morte" de um ser; também é vista como prática carregada de "dor", "sofrimento" e "impiedade"; como aquilo que "apodrece", "sobrecarrega", "intoxica", "degrada" o ser humano fisicamente e moralmente; que causa doenças e debilidades, e impede uma conexão com o mundo espiritual, como forma de dominação, exploração, violência, preconceito e especismo; como expressão de poder e de manutenção do status quo; de desarmonia com a natureza, entre outros significados. (LIRA, 2012)

Assim, existe uma importante carga simbólica na rejeição da carne enquanto alimento. Seu consumo está atrelado à impureza, morte, contaminação do corpo e do espírito; além de representar um símbolo de dominação do homem pela natureza/ animais.

Apesar dos ideais amplamente disseminados e da forte expressão de um modelo que se abstém do consumo de carne, existe uma dificuldade em definir o vegetarianismo em um só conceito. Tal dificuldade se dá pelas inúmeras variações de estilos de vida considerados vegetarianos.

Segundo Beardsworth & Keil (1997), indivíduos que se definem como "vegetarianos" podem ter diferentes padrões de dieta e essa variação pode ser conceituada através de uma escala linear relacionada ao rigor das exclusões envolvidas: iniciando com padrões menos estritos, estão aqueles que se autodefinem como vegetarianos e que consomem ovos, laticínios, e, algumas vezes, peixe (ou mariscos) e carne, especialmente, "carne brancas", em raras ocasiões. Em seguida há aqueles que excluem todas as carnes, mas consomem ovos e laticínios. Depois estão os que excluem uma ou outra dessas categorias (ovos, laticínios). E no limite, chega-

se ao veganismo, que requer abstenção de todos os produtos de origem animal (BEARDSWORTH & KEIL, 1997 apud LIRA, 2012). Na extremidade, ainda existem os frugivoristas, que comem basicamente frutas, sementes e folhas.

O vegetarianismo seria, assim, um complexo conjunto de hábitos alimentares inter-relacionados (BEARDSWORTH & KEIL, 1997). Apesar da dificuldade de encontrar uma definição, é concepção geral que seus adeptos pretendem subverter uma série de tradições culturais a partir de um processo de questionamento de seus hábitos e da construção de modos de vida alternativos (FERRIGNO, 2012).

Existem inúmeras motivações contemporâneas para um indivíduo tornar-se vegetariano. Entre elas, destacam-se a preocupação com a saúde, já que a alimentação da carne é constantemente relacionada a doenças crônicas, cardiovasculares, hipertensão, obesidade, câncer, entre outros. O sofrimento dos animais, que são separados do seu grupo familiar assim que nascem e são confinados em espaços pequenos, sujos, presos em gaiolas, sendo amputados e torturados vivos, submetidos a processos de aceleração de crescimento e diversos outros procedimentos que envolvem maus-tratos. E por fim, os danos que a indústria da carne causa ao planeta/ meio ambiente devido à criação de animais que diariamente consomem água, comida, recursos energéticos, ocupam espaços; produzem excrementos; contaminam o solo, o ar e os mananciais.

As consequências para o ambiente em si, da exploração animal são diversas. Como aponta um recente estudo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2009), a criação massiva de animais para consumo humano está no centro de quase todas as catástrofes ambientais: destruição de florestas e sua conseqüente ameaça à biodiversidade e à segurança genética das espécies, desertificação, escassez de água doce, poluição do ar e da água, chuva ácida, aumento do efeito estufa, erosão e esgotamento do solo, além da enorme pressão sobre os ecossistemas marinhos. (REIS; RODRIGUES, 2013)

Contraditoriamente, o modelo alimentar e o sistema econômico capitalista atual demonstram uma ineficiência quanto à questão da fome no mundo. Bilhões de pessoas ainda encontram-se na miséria enquanto uma quantidade incalculável de alimentos (milho, cevada, soja) e água é destinada ao gado até o momento do abate – uma quantidade de terras agriculturáveis e recursos escassos que poderiam alimentar diretamente a população.

Apesar dos ideais vegetarianos amplamente difundidos, o desconhecimento em relação à extrema violência dentro da indústria de carne, de ovos e de laticínios, além dos impactos de âmbito global, seria uma explicação para continuidade para seu consumo (FERRIGNO, 2012). Além disso, poucas pessoas relacionam seus hábitos alimentares ao desmatamento, ao aumento das emissões de metano e outros gases, ou a condição de pobreza da maior parte da população mundial (GREIF, 2002). A partir desse pressuposto, os adeptos e ativistas da causa trabalham para conscientizar o público em relação a essas questões através de campanhas, imagens, vídeos, publicações acadêmicas, livros, formação de ONG'S, associações que protestam pelo direito e respeito aos animais, entre outros.

Os direitos animais permitem vislumbrar, então, a grande rede conectada à exploração dos animais, com seus fios estendidos não somente ao sofrimento dos mesmos (seja nos abatedouros; nos laboratórios; em empresas de produção de casaco de pele; em canis; em lojas de comercialização dos chamados pets; em circos; rodeios, touradas; nas ruas; carroças; criadouros -de pássaros, galinhas, peixes, hamsters, entre outros- nos zoológicos; na produção de leite, ovos e carnes -brancas e vermelhas), mas também sobre as prioridades econômicas e políticas (que privilegiam atividades ambientalmente desastrosas- como a pressão sobre os bens marítimos, os desmatamentos e a monocultura de grãos- que têm como pano de fundo a indústria da carne), o que por sua vez levam à concentração de renda e desigualdades sociais e a relação com a própria saúde. (REIS; RODRIGUES, 2013)

Busca-se, portanto, um mundo sem exploração e especismo que parece inalcançável, mas que caminha através do apoio e do aumento de adeptos ao redor do mundo. Desta forma, as escolhas vegetarianas demonstram sua ânsia e capacidade de mudança. “Ao termos mais responsabilidade por nós mesmos e pelo impacto de nossas escolhas no mundo, estamos começando a nos transformar. Este é o caminho para superar a desesperança” (LAPPÉ, 1985: 71).

A escolha da alimentação vegetariana é, portanto, o primeiro passo para uma série de mudanças na vida de seus adeptos e, posteriormente, no mundo. Quanto a isso o escritor Francis Lappé afirma:

Uma mudança na alimentação não é resposta. A mudança na alimentação é um modo de experimentar um pouco mais do mundo verdadeiro, ao invés de viver num mundo ilusório criado por nosso sistema econômico vigente, onde nossas riquezas nutricionais são ativamente reduzidas e onde a alimentação é tratada como mais uma mercadoria (...). A mudança na alimentação é um modo de dizer simplesmente: fiz uma escolha. Mas este é apenas o primeiro passo. (LAPPÉ, 1985)

Desta forma, o vegetarianismo apenas como opção de consumo tem um papel transformador mais limitado. Ao atingir outras esferas, “possibilita a construção de outros modos de viver e se relacionar; a construção de outras culturas, de outras formas de estar inserido no todo, de fazer parte da natureza” (BLUWOL, 2010, p. 76). Superando o especismo impregnado no atual modelo alimentar hegemônico que coloca animais como inferiores aos seres humanos, haveria, possivelmente, uma série de mudanças que beneficiariam o meio ambiente e a própria sociedade:

Transpondo essa barreira e propondo uma relação diferente para com os outros animais, uma relação de respeito, esse comportamento agressivo e pernicioso seria evitado. A biodiversidade poderia ser beneficiada com isso, uma vez que animais seriam apreciados soltos, em liberdade, e nossa alimentação vegetal poderia ser menos homogeneizada, com o consumo, conhecimento e plantio de maior variedade de grãos, frutas e hortaliças, por exemplo. Como lidamos com os demais animais se reflete na conduta que estabelecemos com o ambiente em geral e com a comunidade onde vivemos. (REIS; RODRIGUES, 2013)

Observar os animais de outra forma levaria, então, a uma mudança na sociedade. Segundo o escritor/jornalista Laerte Levai, os processos educativos são fundamentais para se romper a violência contra os animais. Neste processo, os pais e professores seriam fundamentais na formação do caráter das crianças, ensinando-lhes valores que incluem o respeito pelas plantas e animais. Segundo o autor, não há medida mais promissora que a educação para mudar a caótica realidade social (LEVAI, 2004).

É necessário, portanto, uma mudança do atual sistema econômico que se sustenta no consumo excessivo de carne animal. Um sistema que demonstra falhas e expõe, cada vez mais, seus problemas e contradições. O vegetarianismo surge, portanto, como uma luta direta contra a pecuária e a indústria da carne, baseando-se em motivações de cunho ético, político, corporal, espiritual, sustentável etc. Tais práticas incluem, também, noções de espiritualidade, psíquicas e emocionais, gerando maior consciência de suas escolhas e a relação delas com o próprio corpo e o meio externo.

Assim, a construção de uma relação positiva entre seres humanos e animais, atrelada ao aprendizado de valores compassivos, entre outros fatores, motivariam a caminhada rumo à igualdade de direitos e a novas formas de organizações sociais baseadas em princípios, sobretudo, éticos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da alimentação demonstra uma diversidade de temas a serem tratados. A presença de hábitos, valores, contradições e tabus no universo da comida e suas relações/ distinções com o estilo de vida dos seres humanos são, muitas vezes, despercebidos. Contudo, através de uma análise antropológica é possível relativizar tais temas, observando que os costumes e as práticas alimentares de cada indivíduo podem ser completamente diferentes de acordo com o contexto social; a cultura; as tradições da sociedade; o lugar em que vive; as condições; a acessibilidade aos alimentos, às mercadorias etc.

As últimas décadas vêm mostrando uma mudança drástica na alimentação. Uma mudança em que o consumo de carne é excessivo e praticamente consensual na sociedade. Ao mesmo tempo, essas mudanças revelam uma receptividade observada em países considerados conservadores em experimentar o “novo”, sem o abandono de suas tradições já normalizadas.

O atual modelo alimentar hegemônico e o sistema econômico capitalista mostram-se falhos, ineficientes e contraditórios. A fome continua sendo um problema mundial. Na perspectiva dos adeptos ao vegetarianismo, a quantidade de alimento, água e terras destinada à pecuária poderia tirar uma grande parte da população da miséria, alimentando-a diretamente. Além dos inúmeros problemas relacionados ao meio ambiente, como

poluição da água e ar, desgaste do solo e desmatamento, a indústria da carne revela uma crueldade extrema com animais de todas as espécies.

Neste sentido, o vegetarianismo surge como um modelo de alimentação alternativo ao vigente, que através de seus ideais, protestam contra tais irregularidades, buscando a construção de uma sociedade mais ética, igualitária, anti-especista, preocupada com o meio ambiente e com os animais. Aderir este estilo de vida seria, portanto, um passo para a mudança nas formas de organização social e a construção de uma sociedade melhor, baseada em valores compassivos.

REFERENCIAS

ARMESTO, Felipe F. **Comida: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BEARDSWORTH, A & KEIL, T. **Sociology of Menu: An Invitation to the Study of Food and Society**. London and New York: Routledge, 1997

BLUWOL, Dennis Zaghera. Ética Libertária Interdependente - veganismo, ecologia, saúde, política e liberdade. In: Silvana Andrade (Org.) **Visão Abolicionista: Ética e Direitos Animais**. São Paulo: Libra Três, 2010. cap. 5, p. 73-82.

CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. In: **História: Questões & Debates** Revista do Departamento de História da UFPR. n. 42, Curitiba: Editora UFPR. p. 71-80, 2005.

DANIEL, Jungla M. P.; CRAVO, Veraluz Z. Olhares antropológicos sobre a alimentação. **Valor social e cultural da alimentação**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FERRIGNO, Mayra V. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico**. 2012. Tese (Mestrado em Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UNICAMP, Campinas.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

GREIF, Sérgio. Sustentabilidade econômica e ecológica mediante a opção pelo vegetarianismo. Núcleo de estudos e pesquisas em alimentação da UNICAMP. **Cadernos de Debate**. Vol. 9, Campinas, p. 55-68, 2002.

LAPPÉ, Frances M. Trad.: Sílvio Branco Sarzana. **Dieta para um pequeno planeta**. São Paulo: Global, 1985.

LEACH, Edmund. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: R. Da Matta (Org.) **Antropologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983. cap. 5, p. 170-198.

LEVAI, Laerte F. **Direito dos animais**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2004.

LIRA, Luciana C. **Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife.

MINTZ, Sidney W. **Comida e Antropologia: uma breve revisão**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 47, 2011.

REIS, Priscila C; RODRIGUES, Victor Hugo G. Os direitos animais como contribuição para uma Educação Ambiental não-especista. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. V. 30, n. 1, p. 355 – 372, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3301>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

SAHLINS, Marshall. A Preferência de Comida e o Tabu nos Animais Domésticos Americanos. In: **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 190-199.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. IN: **História – Questões & Debates** Revista do Departamento de História da UFPR. nº 42. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. p. 11 – 35.

SILVA, Samara M. A. Isso é comida de pobre!": comportamento alimentar como símbolo de distinção social nas cidades piauienses na contemporaneidade. In: **História da Alimentação: história, cultura & sociedade**, [2013?]. Disponível em: < <http://www.historiadaalimentacao.ufpr.br/artigos/artigos.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.